



FÓRUM BRASILEIRO
DE FILANTROPOS
E INVESTIDORES
SOCIAIS

2020



EDIÇÃO ONLINE

FÓRUM EM FOCO

Os principais assuntos abordados no encontro anual de Filantropos e Investidores Sociais



Instituto para o
Desenvolvimento do
Investimento Social



Organizar um evento como o Fórum de Filantropos é sempre um desafio, que consome muitas horas de planejamento e trabalho. Expectativa, ansiedade, alegria, apreensão, surpresa, temor... tudo vai se misturando desde o começo do ano e culmina com a realização do Fórum, que nos traz muita, muita satisfação.

Porém, também gera um pouco de pena, pensar que tanto tempo de dedicação de uma equipe tão grande da organização, dos palestrantes e dos fornecedores se exaure em poucas horas.

Estamos sempre procurando uma maneira de prolongar e estender o alcance do Fórum. Por isso, decidimos lançar este '*pocket Forum*', uma publicação que traz um texto com o resumo de cada sessão, o registro gráfico do que foi discutido e o link para o vídeo das palestras.

Esperamos que seja uma forma fácil de resgatar e consultar o rico conteúdo do evento. Tanto para aqueles que participaram como para os que não estiveram lá. Especialmente nesta edição que se debruçou sobre o que podemos esperar do investimento social após o impacto da pandemia de Covid-19.

Além de tudo, é também uma oportunidade de nos sentirmos em contato com a querida comunidade do Fórum de Filantropos, que em 2021 completará dez anos.

Aproveitamos para agradecer a todos os apoiadores, palestrantes e participantes, que construíram conosco um evento de sucesso!

**Equipe IDIS
Dezembro/2020**

Tema: Novos Horizontes – Reflexões para uma filantropia pós-pandemia

264 participantes

+ 200 pessoas acompanhando a transmissão ao vivo

+ 6 mil pessoas impactadas pela cobertura ao vivo no Twitter

7 horas de programação

Agenda cocriada com o apoio de 8 especialistas

34 palestrantes

11 sessões gravadas e disponibilizadas no YouTube

AGENDA

DIA 1 - 17 de setembro

09:00 **Sensibilização**

09:05 **Boas-vindas**

Luiz Sorge | presidente do Conselho do IDIS e CEO da BNP Paribas Asset Management Brasil

Paula Fabiani | diretora-presidente do IDIS

09:25 **A pergunta de 1 milhão: como seremos nós e o mundo após a pandemia?**

Eduardo Giannetti | economista e escritor

Moderação: Paula Fabiani | diretora-presidente do IDIS

09:55 **Fundos Filantrópicos: da emergência à perenidade**

Gustavo Montezano | presidente do BNDES

Giovanni Harvey | presidente Conselho do Fundo Baobá

Moderação: Renata Biselli | head de Sustainable Solutions no Santander

10:40 **Momento Folha Empreendedor Social – Vencedor**

Guilherme Brammer Jr. | fundador da Boomera

10:50 **Em conversa com...**

Antonio Carlos Pipponzi | filantropo e presidente do conselho do Instituto ACP

Beatriz Bracher | filantropa e fundadora do Instituto Galo da Manhã

Moderação: Eliane Trindade | editora do Prêmio Empreendedor Social, da Folha de S.Paulo

11:25 **Contagem regressiva: 10 anos para atingir os ODSs**

Benjamin Bellegy | diretor executivo na Worldwide Initiatives for Grantmaker Support (WINGS)

Cristiano Prado | líder de projetos econômicos e sociais do PNUD no Brasil

Morgan Doyle | representante do BID no Brasil

Moderação: Guilherme Sylos | gerente de prospecção e parcerias do IDIS

11:25 **Blended Finance: uma nova fórmula para gerar impacto social**

Flávia Regina de Souza Oliveira | sócia de Mattos Filho Advogados

Marco Gorini | sócio da Din4mo

Moderação: Andrea Hanai | gerente de projetos do IDIS

12:10 **Dinâmica de encerramento**

Edu Lyra | fundador e CEO da Gerando Falcões

DIA 2 - 18 de setembro

09:00 **Aquecimento**

09:05 **Novos Horizontes**

Edu Lyra | fundador e CEO da Gerando Falcões

09:15 **Filantropia Comunitária e a Transformação dos Territórios**

Eliana Sousa Silva | diretora da Redes da Maré

Rebecca Tavares | CEO da BrazilFoundation

Moderação: Raquel Altemani | gerente financeira do IDIS

09:15 **Motivações e Caminhos para a Avaliação de Impacto**

Alcione Albanesi | fundadora dos Amigos do Bem

Jair Ribeiro | Presidente da Parceiros da Educação e da Casa do Saber

Moderação: Felipe Groba | gerente de projetos do IDIS

10:00 **Juntos por uma causa: a união histórica de três grandes bancos pela Amazônia**

Karine Bueno | head de Sustentabilidade do Santander

Julia Spinasse | gerente de sustentabilidade corporativa do Bradesco

Luciana Nicola | Superintendente de Relações Institucionais, Sustentabilidade e Negócios Inclusivos do Itaú Unibanco

Moderação: Paula Fabiani | diretora-presidente do IDIS

10:45 **Momento Folha Empreendedor Social – Troféu Grão**

Adriana Barbosa | CEO da Preta Hub

10:55 **OSCs na UTI: de onde vem o socorro?**

Carola Matarazzo | CEO do Movimento Bem Maior

José Luiz Egydio Setúbal | Presidente e instituidor da Fundação José Luiz Egydio Setúbal e vice-presidente do Instituto PENSI

Moderação: Erika Sanchez Saez | Coordenadora da iniciativa Emergência Covid-19 – GIFE e membro do comitê coordenador do Movimento por uma Cultura de Doação

11:30 **Momento Folha Empreendedor Social – Empreendedor Social de Futuro**

Gustavo Glasser | CEO da Carambola

11:40 **Novos horizontes da filantropia no mundo**

Philip Yun | Presidente e CEO do World Affairs / Global Philanthropy Forum

Matthew Bishop | Autor do livro Philanthrocapitalism

Michael Mapstone | Diretor de Relações Externas e Engajamento Global da Charities Aid Foundation (CAF)

Moderação: Paula Fabiani | diretora-presidente do IDIS

12h25 **Agradecimentos**

Paula Fabiani | diretora-presidente do IDIS

A PERGUNTA DE 1 MILHÃO: COMO SEREMOS NÓS E O MUNDO APÓS A PANDEMIA?



assista no YouTube

Eduardo Gianetti,
Economista e escritor

Para responder à pergunta de um milhão, convidamos o economista Eduardo Gianetti, que abriu o Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais com uma fala realista. “*A economia está em um processo de recuperação, mas não esperem que voltemos ao patamar anterior à pandemia já em 2021*”, disse. Segundo ele, mais de USD 4 trilhões foram injetados na economia mundial nesse período de emergência. E pergunta: como vamos nadar quando esses recursos acabarem?

A outra incerteza que nos espera é saber como será o comportamento de investidores e consumidores: sermos mais prudentes ou vamos reagir? Gianetti diz que caminhamos para um mundo menos globalizado, mais endividado e mais digitalizado.

No Brasil a questão fiscal será um ponto-chave. O economista aponta que a dívida pública brasileira cresceu de forma acentuada, e fechará o ano entre 95% e 100% do PIB. “É administrável, mas requer cuidado. Para a sociedade, o principal aprendizado foi a gravidade da desigualdade estrutural”, disse durante a palestra. E fez um alerta de que, apesar do auxílio emergencial dado pelo governo, nenhum país resolve o problema de desigualdade com transferência de renda. A solução está em investimentos no capital humano – educação universal, saúde pública e saneamento básico.

Gianetti lembrou também que as doações no Brasil chegaram a R\$ 6,3 bilhões e apesar da cultura brasileira ser movida pelo afeto, agora teremos que não apenas preservar, mas também alavancar esse movimento para termos um país mais justo. “Não devemos poupar esforços em avaliar e medir os resultados” e completa sugerindo que igualmente importante é mostrar com clareza a todos que contribuíram, com clareza, o impacto e a transformação na vida das pessoas beneficiadas.

COMO SEREMOS NÓS e o MUNDO APÓS A PANDEMIA?



[link para baixar a imagem](#)

Sobre os desafios que nos esperam e as prioridades para o Brasil, Eduardo Gianetti cita os dois principais. O primeiro é o emprego, sendo necessário o estímulo ao empreendedorismo com o devido apoio ao empreendedor. O segundo ponto diz respeito ao meio ambiente. O economista é categórico ao dizer que o governo brasileiro está se omitindo de forma criminosa na preservação do meio ambiente. *"Temos que nos unir como sociedade em torno do meio ambiente. Vivemos um momento sombrio e um governo que mete os pés pelas mãos. não cuidando do nosso patrimônio"*, finalizou.

FUNDOS FILANTRÓPICOS: DA EMERGÊNCIA À PERENIDADE



Gustavo Montezano,
presidente do BNDES



Giovanni Harvey,
presidente Conselho
do Fundo Baobá



Moderação: **Renata Biselli,**
head de Sustainable Solutions
no Santander



assista no YouTube

Um dos instrumentos utilizados durante a crise gerada pela pandemia foram os Fundos Filantrópicos. Muitos surgiram para ajudar na emergência, mas os investimentos podem ser perenes e de impacto mais permanente.

Para o presidente do BNDES, Gustavo Montezano, um dos palestrantes do painel ‘Fundos Filantrópicos: da emergência à perenidade’, eles vieram para ficar e trouxeram uma nova forma de investimento. “Quando se fala de desenvolvimento social, também se fala de filantropia. Se queremos um país mais justo, com meio ambiente preservado, isso é tarefa da sociedade, do governo e do setor privado, com o apoio do banco”, explicou.

Montezano disse que vê a filantropia como uma gestão dos patrimônios financeiros, social e ambiental. Segundo ele, esse movimento ajudou a conscientizar a sociedade de que o governo não consegue resolver todos os problemas sozinho. É preciso uma atuação conjunta. “As elites acordaram que precisam atuar mais nessa agenda com o exemplo da pandemia”, afirmou.

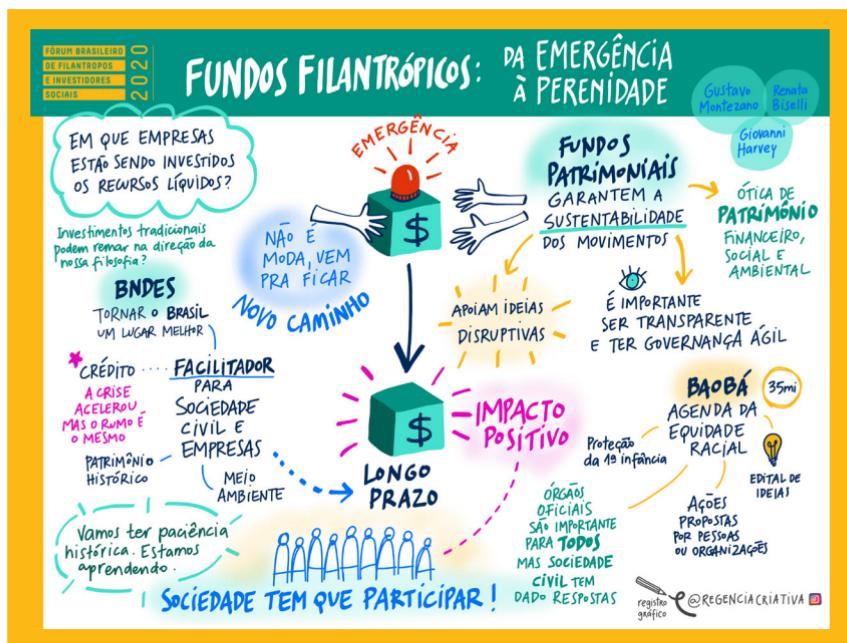
Giovanni Harvey, presidente do conselho do Fundo Baobá, acredita que os fundos patrimoniais têm papel importantíssimo no que diz respeito à sustentabilidade de movimentos e organizações sociais, uma vez que operam com uma perspectiva de médio ou longo prazo.

Ele enfatizou também a importância da captação de recursos a empreendimentos que trabalhem na busca pela equidade racial, além da relevância da transparência das entidades. “Promovemos diversas ações com o objetivo de

garantir que o investidor possa enxergar o Baobá e ter acesso a informações estratégicas".

Harvey também ressaltou como positivo o crescimento do discurso sobre a agenda racial, complementando: "a sociedade civil tem dados respostas e esperamos que não seja uma onda, que possamos construir uma agenda mínima e dar continuidade depois da pandemia passar".

A mesa foi moderada por Renata Biselli, head de Sustainable Solutions no Santander, que tem hoje entre suas prioridades o avanço dos Fundos Patrimoniais no Brasil. Este painel integrou o Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais 2020, realizado de forma virtual nos dias 17 e 18 de setembro de 2020. Com o tema "Novos Horizontes - Reflexões para uma filantropia pós-pandemia", buscamos estimular e inspirar os investidores sociais a continuar doando tempo, recursos e conhecimento para a construção de um mundo mais justo e melhor para todos.



[link para baixar a imagem](#)

EM CONVERSA COM...



Beatriz Bracher,
fundadora do
Instituto Galo da Manhã



Antonio Carlos Pipponzi,
presidente do conselho
administrativo da Raia
Drogasil e Presidente do
conselho do Instituto ACP



Moderação: Eliane Trindade,
editora do Prêmio Empreendedor
Social, da Folha de S.Paulo



assista no YouTube

Beatrix Bracher e Antônio Carlos Pipponzi foram os entrevistados pela jornalista Eliane Trindade, editora do Prêmio Empreendedor Social, da Folha de São Paulo, na tradicional sessão “Em Conversa Com” do Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais, que traz inspirações para a filantropia familiar.

Escritora e roteirista, Beatrix contou aos participantes do Fórum como sua profissão ajudou a entender melhor o papel da filantropia. *“Ser escritora me permite estar no lugar do outro, crio personagens horríveis e personagens maravilhosos”*, revela.

Ao mesmo tempo, Beatrix se preocupa com os diversos termos e jargões que se atrelaram à filantropia nesses últimos tempos. “Parece que virou uma área só de especialistas. Não pode se tornar algo distante do dia a dia”, reforça a filantropa.

O outro convidado da sessão “Em Conversa Com”, Antonio Carlos Pipponzi, presidente do conselho administrativo da RaiaDrogasil e também presidente o conselho do Instituto ACP, disse acreditar que o setor empresarial percebeu, na prática, a importância da doação. *“As empresas terão que seguir mobilizadas no pós-pandemia, em nível menor, claro, mas a sociedade vai cobrar, os funcionários também”*, reforça.

A televisão, afirma, foi muito feliz ao divulgar diariamente as ações de solidariedade. *“Uma coisa é doar e outra é ir a fundo para entender a raiz do problema e promover uma doação transformadora. Fizemos doações para 50 hospitais e sentimos como é difícil sair da intenção e chegar na prática”*, revela Pipponzi.

EM CONVERSA COM...

SÓ O GOVERNO NÃO VAI DAR CONTA...
TEMOS QUE MOBILIZAR EMPRESAS,
START UPS, PESSOAS.



REVISTA SORRIA

Instituto ACP
CRIAR CULTURA DE DOAÇÃO COM AUXÍLIO NO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO

coaching, mentorias, suporte

TEM QUE PEDIR!

registro gráfico

[link para baixar a imagem](#)

CONTAGEM REGRESSIVA: 10 ANOS PARA ATINGIR OS ODSs



Benjamin Bellegy,
diretor executivo na
Worldwide Initiatives
for Grantmaker
Support (WINGS)



Cristiano Prado,
líder de projetos
econômicos e sociais
do PNUD no Brasil



Morgan Doyle,
representante do BID no Brasil



assista no YouTube



Moderação: Guilherme Sylos,
gerente de prospecção
e parcerias do IDIS

Quando foram definidos os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e estabelecida a Agenda 2030, ninguém imaginaria que no caminho encontraríamos uma pandemia, que afetaria o mundo de forma tão contundente. Temos agora o desafio de ajustar metas e iniciativas, considerando os novos desafios que se apresentam. Se a conversa sobre este tema era importante, agora que estamos a 10 anos do prazo para cumprir a Agenda, hoje ela é mandatória e não poderia deixar de integrar o Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais.

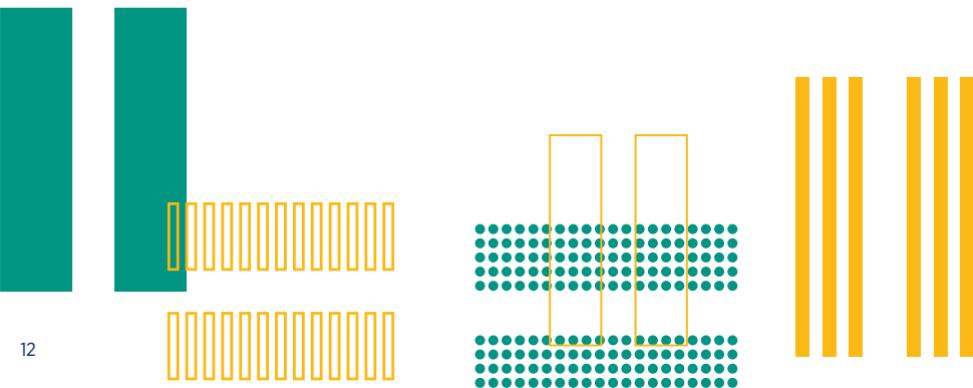
Cristiano Prado, líder de projetos econômicos e sociais do PNUD no Brasil, agência líder da ONU para o desenvolvimento e que usa os ODSs para guiar suas políticas, afirma que não haverá recurso público suficiente para o tamanho do desafio que há pela frente e defende que o crescimento da filantropia é necessário para o avanço da Agenda 2030. “Precisaremos de mais recursos para recuperar o que está ficando para trás e para lidar com a consequência de ter andado para trás”, diz. “A Agenda 2030 e os ODS são e continuarão sendo nossa bússola, apontado a direção que devemos seguir”. Ele destaca que a plataforma de filantropia do

PNUD busca encontrar o caminho da transformação social unindo forças, com participação de entidades filantrópicas.

Para Morgan Doyle, representante do BID no Brasil, o ponto-chave para cobrir as lacunas que foram ampliadas com a pandemia é investir em parcerias. “Com a pandemia, a magnitude dos desafios são maiores e as parcerias, fundamentais. No BID estamos trabalhando com todo afincô possíbel em parcerias com diferentes atores, no governo, setor privado e terceiro setor. Estamos muito abertos a parcerias com instituições que compartilhem o objetivo da nossa instituição, de melhorar vidas”. Os esforços agora, avisa, serão concentrados na retomada sustentável, que considera indissociável da implementação dos ODS no país.

O diretor executivo na Worldwide Initiatives for Grantmaker Support (WINGS), Benjamin Bellegy, ressaltou que a filantropia tem um papel essencial de construir pontes entre os setores e por isso deve receber muito apoio. “A filantropia tem um valor em si, um instinto de solidariedade que envolve vários níveis da sociedade e é muito importante fortalecer esse instinto”, opina. “Precisamos também de uma linguagem comum e os ODS são uma linguagem universal que o business adotou, os governos adotaram e também a filantropia, para tornar possível a colaboração”.

A audiência participou durante a sessão, indicando o quanto os ODSs são adequados às suas organizações. Mais da metade dos respondentes diz considerar os ODSs em suas estratégias, resultado bastante positivo e que indica comprometimento.



BLENDED FINANCE: UMA NOVA FÓRMULA PARA GERAR IMPACTO SOCIAL



Flávia Regina de Souza Oliveira,
sócia de Mattos Filho Advogados



Marco Gorini,
sócio da Din4mo



Moderação: **Andrea Hanai,**
gerente de projetos do IDIS



assista no YouTube

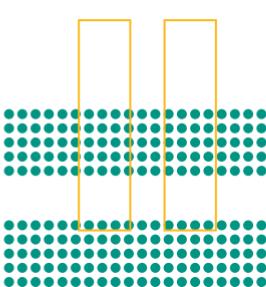
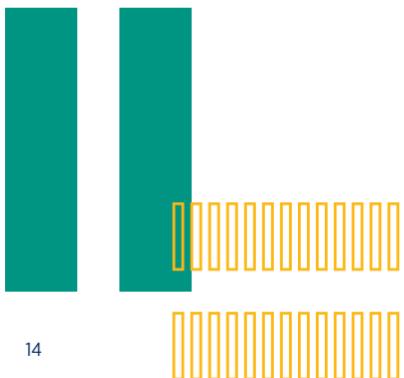
O conceito de *Blended Finance*, que pressupõe um modelo de finanças mistas que visa minimizar os riscos com juros baixos, foi apresentado pela primeira vez em 2015 com a perspectiva de potencializar os negócios e estimular o crescimento sustentável. Até agora, no Brasil, foram realizadas cerca de 19 operações ancoradas neste conceito. Mas no mundo, já são 500 bilhões de dólares mobilizados em diferentes países, envolvendo bancos, instituições, famílias, entre outros atores.

Para Marco Gorini, sócio da Din4mo, sem mobilizar o capital privado não há condição de financiar a Agenda de 2030. “É preciso uma migração para uma economia e sociedade de causas, que tenham integridade, coerência e o Blended é uma forma de fazer isso acontecer”, afirma. Destaca também que o potencial de sucesso desses mecanismos é imenso.

A sócia do Mattos Filho Advogados, Flávia Regina de Souza Oliveira, avalia que para os filantropos e investidores financeiros o Blended Finance é inovador, traz a união do capital por uma única causa: melhorar as questões socioambientais.

“*Nunca é demais termos novos meios para atrair capitais*”, comenta Flávia. É importante olhar para a governança e a estruturação jurídica desses recursos para fomentar negócios de impacto. Segundo os dois palestrantes, o Blended Finance mostra que isso é possível e faz com o que o investidor tenha mais apetite para arriscar.

No fechamento do painel, moderado pela gerente de projetos do IDIS, Andrea Hanai, ficou clara a necessidade de colocar governo, investidores, terceiro setor e sociedade na mesma página e que devem ser superados desafios relacionados ao ambiente regulatório, à governança e à definição de indicadores de resultados. A filantropia é o alicerce para gerar as evidencias e tornar o mecanismo mais popular e efetivo.



NOVOS HORIZONTES

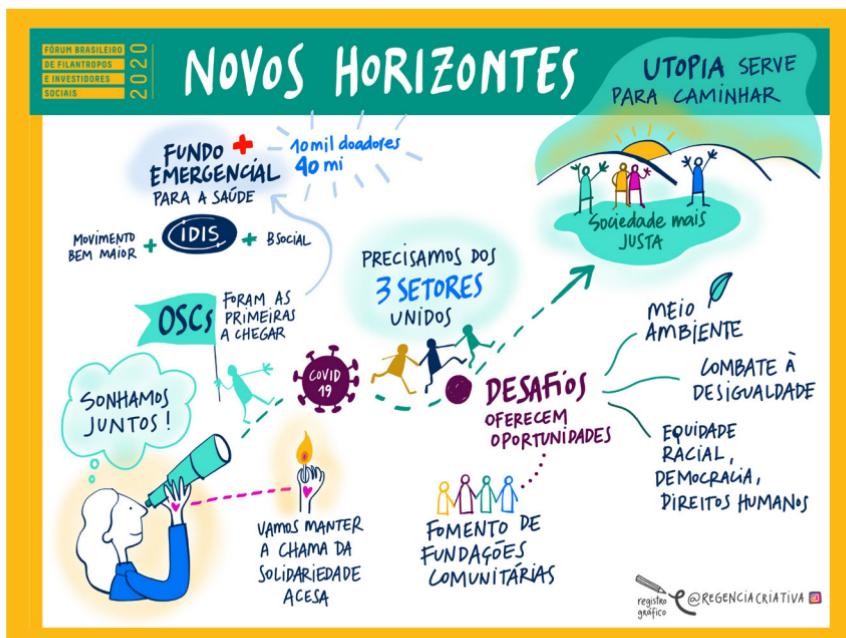


assista no YouTube

Edu Lyra,
Fundador e CEO da
Gerando Falcões

Não há dúvidas de que a pandemia fez todos repensarem suas prioridades e responsabilidades. A tônica geral do Fórum 2020 foi apresentar os novos horizontes que se apresentam em diferentes áreas e, nesta sessão, fizemos um convite específico à reflexão – se você tivesse R\$ 1 milhão para arriscar, em qual tipo de solução inovadora você investiria?

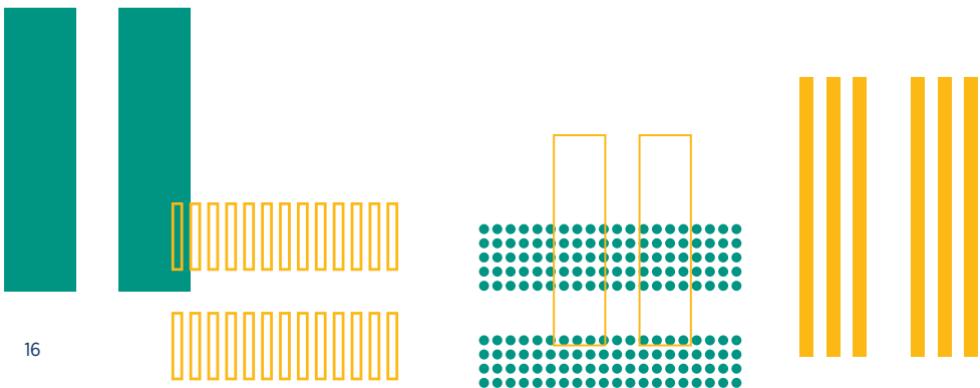
Conduzida por Edu Lyra, fundador do Gerando Falcões, plataforma de impacto social que trabalha em rede ao apoiar e acelerar o trabalho de outras ONGs que atuam em periferias e favelas de todo o Brasil, a sessão tinha como objetivo mostrar a diversidade de desafios que temos pela frente, mas que é possível



[link para baixar a imagem](#)

gerar a transformação que desejamos ver. Entre as respostas dos participantes, aparecerem questões relacionadas à educação, inovação, desenvolvimento de líderes comunitários, empreendedorismo, geração de emprego e renda, combate à desigualdade, proteção ao meio ambiente, saneamento básico, distribuição de água potável e ressocialização de egressos do sistema penitenciário.

Lyra contou um pouco de sua trajetória aos participantes e cobrou dos investidores sociais o papel de “puxar” o protagonismo do empreendedor social. Na visão dele, a sociedade civil unida ao terceiro setor consegue ampliar o impacto e a capacidade de inovar. “Minha história está ligada ao primeiro investimento que eu recebi, quando queria impactar minha comunidade”, conta. É preciso ter a coragem e a ambição de acabar com a pobreza e é arriscando e cocriando com a periferia. investir em ideias inovadoras.



FILANTROPIA COMUNITÁRIA E A TRANSFORMAÇÃO DOS TERRITÓRIOS



Eliana Sousa Silva,
diretora da Redes
da Maré



Rebecca Tavares,
CEO da BrazilFoundation



Moderação: Raquel Altemani,
gerente financeira do IDIS



assista no YouTube

Devemos analisar um território não apenas olhando para os problemas, mas para os talentos e para as forças de suas pessoas, seus potenciais como comunidades. Esta provocação abriu o painel sobre filantropia comunitária.

“A pandemia trouxe à tona as desigualdades e vimos a mobilização e a respostas dos movimentos comunitários para trazer auxílio”, destacou a Moderação do painel, Raquel Altemani, gerente financeira do IDIS.

Para Rebecca Tavares, CEO da BrazilFoundation, a fundação comunitária é um instrumento para potencializar e trabalhar os temas mais importantes das comunidades, além de sensibilizar a sociedade e as autoridades. Segundo ela, as inovações e soluções mais importantes partem das comunidades, e os líderes locais precisam de suporte para concretizar seus sonhos e propostas. A BrazilFoundation já apoiou 650 projeto no Brasil com um aporte de 55 milhões de dólares.

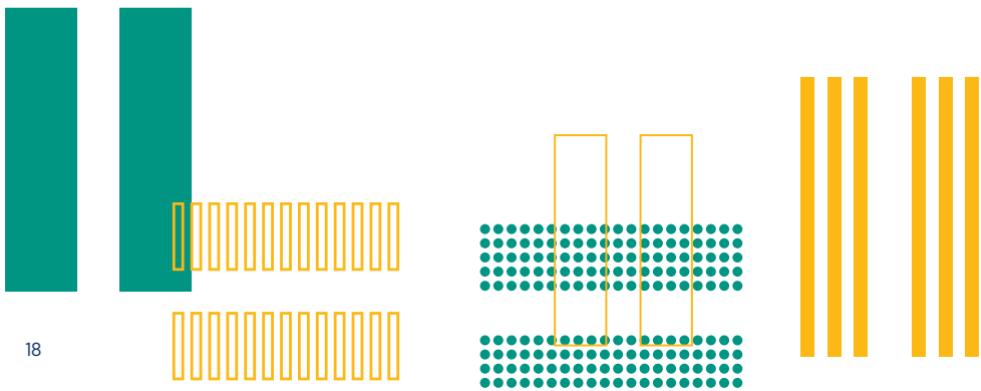
“Acreditamos que a participação da sociedade civil é fundamental para a democracia ... O Brasil precisar tornar as instituições e comunidades locais fortes para ajudar o crescimento econômico e social”, explica.

Além disso, aposta na conscientização dos doadores e empresas para que deem a mentalidade de assistencialismo e promovam uma filantropia estratégica e transformadora.

A Redes da Maré se apresenta como uma organização de transformação estratégica. Surgiu dentro de um conjunto de 16 favelas que reúne 140 mil pessoas na cidade do Rio de Janeiro. “Nasceu para fortalecer o protagonismo das pessoas da comunidade e apoiar a solução de seus problemas”, afirma Eliane Sousa Silva, diretora da Redes.

Ela conta que o acesso à educação foi o primeiro ponto que começou a ser trabalhado para que todos entendessem que as mudanças estruturais devem partir das pessoas que estão ali, seguido de três outros eixos: arte/cultura, desenvolvimento territorial e segurança pública. Em 2020, foi criado o Fundo Comunitário da Maré, com o objetivo de fortalecer o trabalho, eleger prioridades para o desenvolvimento territorial e sensibilizar as pessoas para que ajudem a melhorar a qualidade de vida.

“Se conseguimos impactar a vida das pessoas, vamos contribuir para que todos no Rio possam olhar de forma diferente para as comunidades e mostrar que somos uma cidade única”, diz Eliane.



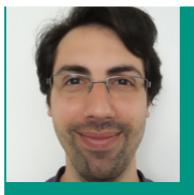
MOTIVAÇÕES E CAMINHOS PARA A AVALIAÇÃO DE IMPACTO



Alcione Albarnezi,
fundadora dos
Amigos do Bem



Jair Ribeiro,
presidente da Parceiros
da Educação e da Casa
do Saber



Moderação: Felipe Groba,
gerente de projetos do IDIS



assista no YouTube

Impactos sociais são muitas vezes subjetivos e difíceis de se mensurar. Essa complexidade representa um grande desafio para organizações e projetos sociais, que em sua maioria, acabam não investindo nesta frente. Apesar das dificuldades e do custo envolvido, a mensuração do impacto é uma importante ferramenta para o desenvolvimento de intervenções efetivas e contributivas para sociedades mais justas e sustentáveis. Para conversar sobre este tema, convidamos representantes de duas importantes organizações da sociedade civil que investem na avaliação de seus projetos - Alcione Albarnezi, fundadora dos Amigos do Bem, e Jair Ribeiro, presidente da Parceiros da Educação. Felipe Groba, gerente de projetos no IDIS e especialista em avaliação, foi o responsável pela moderação.

O semiárido brasileiro é um dos mais populosos do mundo, e a região apresenta IDH muito abaixo da média brasileira, comparável com países como Senegal e Uganda. Os Amigos do Bem atuam para o desenvolvimento da região desde 1993, com projetos que envolvem educação, saúde, água, moradia e geração de trabalho e renda. Hoje, está presente em 140 povoados do Nordeste, com quase 10 mil voluntários, 15 unidades produtivas, somando mais de 200 mil atendimentos anuais de saúde. Alcione Albarnezi compartilhou com o público inúmeras histórias e contou como sempre fizeram acompanhamento dos processos, mas foi apenas agora que optaram por uma assessoria profissional. "Acredito que haverá muita mudança, porque todo trabalho que desenvolvemos será consoli-

dado e promoverá um grande retorno”, destaca. Para ela, a avaliação possibilita gerenciar melhor, identificar as áreas que podem ser ampliadas e mensurar o crescimento consolidado.

“A avaliação é fundamental. Se você não mede resultados, como medir a eficácia? Ela dá segurança ao investidor ao mesmo tempo que nos permite avançar e direcionar nossos recursos e energias às questões que trazem sustentabilidade ao processo.” É dessa forma que Jair Ribeiro justifica seu investimento em avaliação de impacto, feito desde a fundação da Parceiros da Educação, há 16 anos. A organização tem como propósito potencializar o investimento público em educação e desenvolve modelos que podem se transformar em políticas públicas. Foi o caso do programa de gestão MMR – Método de Melhoria de Resultados, hoje adotado por escolas em todos estados de São Paulo.

O público participou da conversa e questionou como organizações podem conseguir recursos para esta frente. A resposta, veio primeiro do líder da Parceiros da Educação: *“Sem avaliação não se consegue mais recursos. Por isso, acredito que a avaliação de impacto deve ser vista como um investimento; é parte do custo e se paga”*. Ele acredita que promover a avaliação é uma forma de plantar para colher exponencialmente no futuro, propiciando passar para outro patamar, com mais estrutura. Alcione complementa: *“Esse processo nos faz economizar. É como uma bússola para investir em setores que promovem a transformação necessária”*.

A Parceiros da Educação, assim como o Amigos do Bem são clientes do IDIS no desenvolvimento de projetos de avaliação por meio da metodologia SROI – Social Return On Investment, que traduz o retorno em termos financeiros. “Nosso trabalho com o IDIS tem sido nessa linha, de medir resultados, avaliar o SROI, separando e desenvolvendo grupos e controle para avaliar quais intervenções têm maior impacto e como acontece”, afirma. “Também temos uma visão mais holística, de avaliação qualitativa para saber que impacto deixamos nos diretores, professores e alunos, e verificar como percebem nosso valor agregado, essencial para a sustentabilidade. Avaliando o impacto conseguimos direcionar melhor nossos esforços”.

JUNTOS POR UMA CAUSA: A UNIÃO HISTÓRICA DE TRÊS GRANDES BANCOS PELA AMAZÔNIA



Karine Bueno,
head de
Sustentabilidade
do Santander



Julia Spinasse,
gerente de
sustentabilidade
corporativa do
Bradesco



Luciana Nicola,
Superintendente de
Relações Institucionais,
Sustentabilidade e Negócios
Inclusivos do Itaú Unibanco



Moderação: Paula Fabiani,
diretora-presidente do IDIS



assista no YouTube

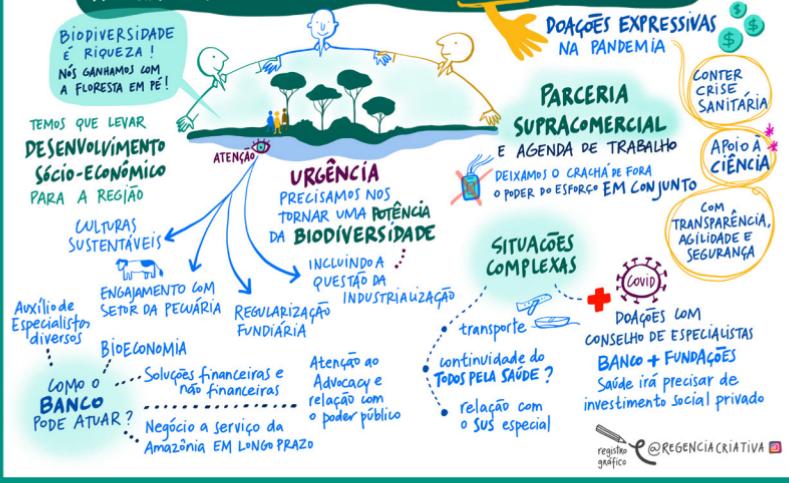
A preservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico na Amazônia foram assuntos bastante presentes no debate público nos últimos anos. ONGs, empresas e filantropos e até outros países cobram do governo uma posição que leve em consideração as populações e a cultura e os saberes locais, a sustentabilidade, o enfrentamento às mudanças climáticas e a manutenção da biodiversidade. Ao mesmo tempo, desenvolvem também ações que contribuem à esta complexa agenda. Neste painel, convidamos representantes dos bancos Bradesco, Itaú e Santander para compartilhar sua história de colaboração em prol da Amazônia, iniciativa que teve início com o enfrentamento à pandemia e evoluiu para uma agenda para apoiar a região, alinhada ao negócio dos bancos e com componentes de advocacy.

Karine Bueno, head de sustentabilidade do Santander, abriu o painel apresentando os quatro pilares prioritários da ação: culturas sustentáveis, considerando o financiamento aos pequenos produtores, engajamento do setor pecuarista para atuação conjunta no combate ao desmatamento, regulamentação fundiária e biodiversidade, com uma visão que inclui desde o extrativismo à industrialização. “*Não há desenvolvimento pleno do Brasil se não há desenvolvimento pleno da Amazônia, na maior potencialidade que ela tem.*” comentou.

JUNTOS POR UMA CAUSA

KARINE LUCIANA
BUENO NICOLA
antander Itaú Unibanco
JULIA SPINASSE
Bradesco

A UNIÃO HISTÓRICA DE 3 GRANDES BANCOS PELA AMAZÔNIA



link para baixar a imagem

A região foi uma das mais afetadas no início da pandemia, com o sistema de saúde em colapso e enormes desafios logísticos. Luciana Nicola, Superintendente de Relações Institucionais, Sustentabilidade e Negócios Inclusivos do Itaú/Unibanco, contou a história do Todos pela Saúde na Amazônia, resposta do banco à pandemia que mobilizou R\$ 1 bilhão em ações na região e que dada as especificidades do sistema de saúde local, é pensada para se tornar permanente. *“Percebemos também que uma questão tão complexa como a que identificamos na Amazônia só poderia ser enfrentada com união. Em nossas reuniões os crachás ficam do lado de fora e juntos podemos gerar mais impacto”*, relata.

A gerente de sustentabilidade corporativa do Bradesco, Julia Spinasse, destacou que o diferencial do Plano Amazônia é que a questão passou a integrar efetivamente o dia a dia dos negócios, com equipes e grupos de trabalho sendo formados para tocar as frentes prioritárias. Por outro lado, reforçou que esta agenda vai além dos bancos: *“Temos um plano ambicioso e é importante que os filantropos e a sociedade como um todo entendam como podem contribuir para essa agenda positiva na Amazônia. Os desafios são grandes, mas as oportunidades são maiores”*, afirma.

Para apoiar a iniciativa, foi criado um conselho consultivo, com sete experts na região. Um plano de trabalho foi criado, baseado em 10 medidas para a região e o diálogo constante com os atores locais é premissa para que ele se desenvolva. A diretora-presidente do IDIS, Paula Fabiani, que mediou a sessão, encerrou dizendo que precisamos ter um capitalismo mais sustentável e que cuide de nosso planeta.

OSCs NA UTI: DE ONDE VEM O SOCORRO?



Carola Matarazzo,
CEO do Movimento
Bem Maior



José Luiz Egydio Setúbal,
presidente e instituidor
da Fundação José Luiz
Egydio Setúbal e vice-
presidente do Instituto
PENSI



Moderação: Erika Sanchez Saez,
coordenadora da iniciativa
Emergência Covid-19 - GIFE



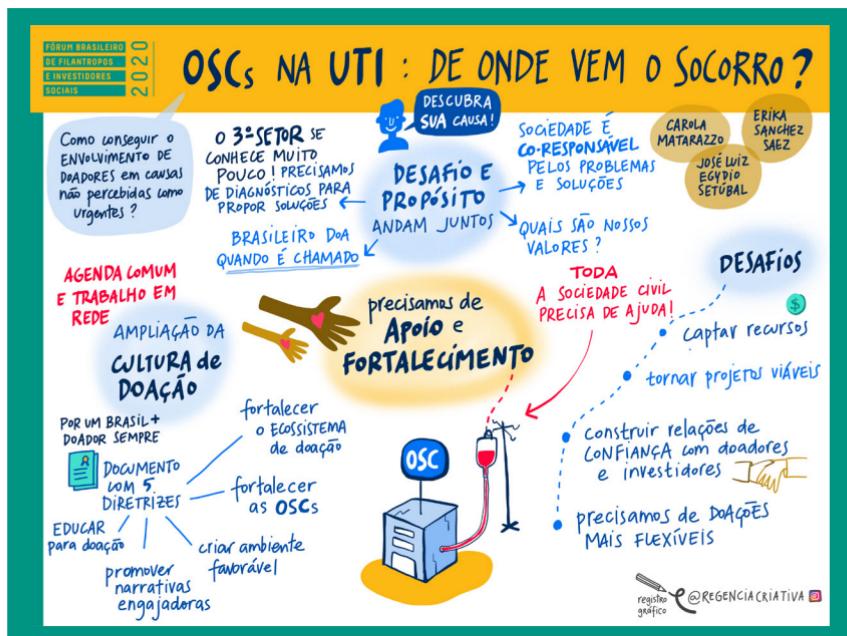
assista no YouTube

A Cultura de Doação vive um momento de efervescência no país, com recorde de doações mobilizadas pela pandemia do COVID-19. Ainda assim, temos um número imenso de organizações da sociedade civil que viram seus recursos minguarem, desviados para os campos emergenciais da Saúde e da Segurança Alimentar.

Para discutir quais os caminhos para aproveitar esse momento inédito de engajamento social da população para perenizar o comportamento doador e evitar o desaparecimento de centenas de organizações que fazem trabalhos importantes em diversos campos, convidamos Carola Matarazzo, CEO do Movimento Bem Maior, José Luiz Egydio Setúbal, Presidente e instituidor da Fundação José Luiz Egydio Setúbal e vice-presidente do Instituto PENSI, e Erika Sanchez Saez, Coordenadora da iniciativa Emergência Covid-19 - GIFE e membro do comitê coordenador do Movimento por uma Cultura de Doação (MCD), que abriu a sessão apresentando o documento ‘Por um Brasil + Doador, Sempre’, produzido pelo MCD e que traz cinco diretrizes para fortalecer a cultura de doação no país.

“O brasileiro tem uma boa alma, gosta de ajudar o próximo”, afirmou José Luiz Egydio Setúbal, presidente e instituidor da Fundação José Luiz Egydio Setúbal e vice-presidente do Instituto PENSI. Ao lado de Carola Matarazzo, CEO do Movimento Bem Maior, os dois defenderam a importância de uma relação de confiança entre doadores e ONGs. O fortalecimento da cultura de doação também esteve bastante presente. Ambos falaram da responsabilidade da sociedade civil e da capacidade e generosidade do brasileiro. E acreditam sim, que há e sempre haverá socorro.

Para Setúbal, a pandemia mudou a questão das doações. As pessoas hoje tem uma noção maior de que é preciso doar. O brasileiro doa quando é chamado e mostra isso nas grandes catástrofes e pandemias. Ele lembra que os mais de 6 bilhões doados no Brasil em função da COVID, equivalem a cerca 10% do total doado no mundo. “É muita coisa!”, comemora. Mas Setúbal ainda acha que os ricos doam proporcionalmente menos do que os brasileiros que tem menos recursos.



[link para baixar a imagem](#)

Outro ponto levantado é que a filantropia vem de uma sociedade civil organizada para ajudar o Estado. “O cobertor é muito curto, as pessoas precisam ter consciência de que o governo não vai resolver tudo”, lembra o filantropo que completa: “Quem tem mais dinheiro tem que colocar mais a mão no bolso, quem tem menos colocar menos”.

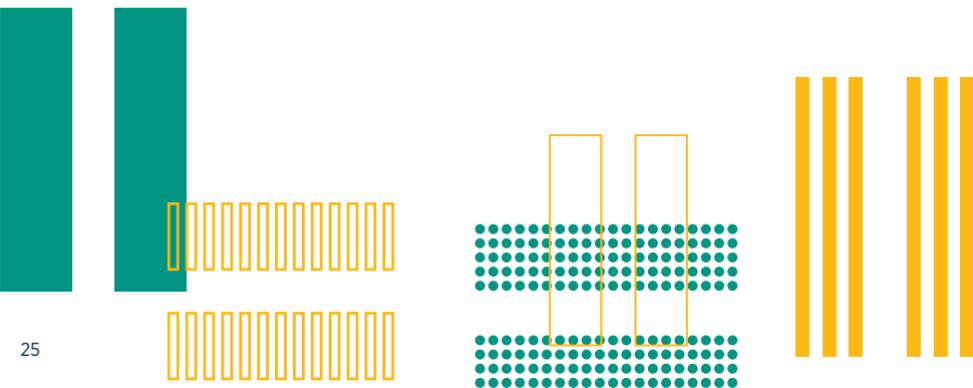
Carola Matarazzo, CEO do Movimento Bem Maior, abriu a sua fala dizendo que desafio e propósito andam juntos, tanto para as ONGs quanto para os investidores sociais.

Para ela, temos que validar modelos que possam servir de políticas públicas para aliviar crises e demandas. A sociedade é parte da equação, e todos são corresponsáveis pelos problemas e soluções.

“A sociedade civil mostrou a força que tem, o poder de mobilização na urgência...uma sociedade civil forte, mobilizada pode fazer toda a diferença e trazer mais resultados”, pontuou. Mas também disse que é preciso mais diálogo para entender quais são e o tamanho das necessidades e que a cultura de doação se fortaleça.

Carola lembrou que a ONGs pequenas, que trabalham nas comunidades, precisam ser valorizadas. “O capital filantrópico deve olhar para esse público”, alerta.

E, finalizando, deixou um recado: “Somos parte dessa solução e dessa luta. Quem detém recursos detém poder e isso nos traz uma grande responsabilidade”.



NOVOS HORIZONTES DA FILANTROPIA NO MUNDO



Philip Yun,
CEO do Global
Philanthropy
Forum



Matthew Bishop,
autor do livro
Philanthrocapitalism



Michael Mapstone,
Diretor de Relações Externas
e Engajamento Global da
Charities Aid Foundation
(CAF)



Moderação: Paula Fabiani,
diretora-presidente do IDIS



assista no YouTube

Os impactos que a pandemia provocou no mundo promoveram transformações em diversas áreas, entre elas a filantropia. O debate volta-se agora a buscar oportunidades que possam definir um horizonte melhor para o setor. Neste painel, reunimos lideranças globais para compartilharem suas perspectivas.

“Temos discutido vários temas relacionados às mudanças climáticas, às questões econômicas, à turbulência social. Nada voltará a ser como antes. Os hábitos da sociedade mudaram, e podemos pensar nisso como uma oportunidade ou um problema”, ponderou Philip Yun, presidente e CEO do World Affairs e do Global Philanthropy Forum. Ele lembrou que tudo está se acelerando – não apenas na área tecnológica – e esse crescimento exponencial continuará.

Para Yun, nesse processo é importante dar atenção às mudanças climáticas com urgência porque, acredita, “em dez ou quinze anos talvez não tenhamos mais chance de consertar o que é preciso em relação ao clima”. Por isso, considera esse talvez o maior problema a enfrentar, junto com um aspecto interno que também coloca como uma ameaça: a ansiedade, ampliada pela falta de confian-

**FORUM BRASILEIRO
DE FILANTROPIA
E INVESTIMENTOS
SOCIAIS**

2020

NOVOS HORIZONTES DA FILANTROPIA NO MUNDO

CALL TO ACTION!

MUDANÇA DE PARADIGMA

MUDANÇA CLIMÁTICA
É FÍSICO, O
TEMPO É CURTO

ANSIEDADE
Polarização
Estresse
Incertezas, medos

NECESSIDADE DE CONSTRUIR INFRAESTRUTURAS REGIONAIS PARA RESPOSTAS LOCAIS

DE SIGUALDADES E INJUSTIÇAS, COMO TRANSFERIR PODER COM NOVOS MODELOS

INovação é o CAMINHO PARA SUPERAR

PROGRESSO ACCELERADO PARA DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO

SOLUÇÕES INTERSECCIONAIS

EDUCAR para resultados a LONGO PRÉDIO e RISCOS

Philip Yun **Matthew Bishop** **Michael Mapstone**

ONDA de GENEROSIDADE SEM PRECEDENTES

10/15 ANOS

COMO FAZER PREVISÕES?

ACELERAÇÃO EXPOENCIAL

COMPLEXO, MAS NÃO BAGUNÇADO!

TECNOLOGIA E DIGITALIZAÇÃO
usada para o BEM: pouco recurso com muito resultado

FOMOS MAIS RÁPIDOS E ÁGEIS nas respostas!

FILANTROPIA GOVERNO E SETOR PRIVADO

Precisamos EXPERIMENTAR a nível local primeiramente

OPORTUNIDADE PARA A FILANTROPIA

PHILANTHROCAPITALISM
grandes capitais privados podem resolver problemas sociais na filantropia. VACINA, POR EXEMPLO?

registro gráfico **@REGENCIACRIATIVA**

link para baixar a imagem

ça, de certezas e da polarização política. "Vejo o importante papel da filantropia, para a intersecção do governo com o setor privado, onde alcançaremos avanços. Precisamos trabalhar em conjunto, porque só assim conseguiremos encontrar respostas e acabar com as desigualdades".

Apesar dos grandes desafios, Yun diz-se otimista, porque vê uma mudança de paradigma num novo sentido. “Nos últimos 50 anos deixamos de nos preocupar tanto com os outros e pensamos em nós mesmos de maneira egoísta. Os mais jovens estão mudando, e isso vai virar; vão pensar na comunidade, no grupo, no todo, e as coisas vão evoluir dessa forma”.

Michael Mapstone, diretor de Relações Externas e Engajamento Global da Charities Aid Foundation (CAF), também aponta as mudanças aceleradas como uma característica atual. Além de destacar toda a ajuda oferecida durante a pandemia, extrapolando os limites que existiam até então, cita como relevante mudança que a fase trouxe a atenção à transparência dos dados e à prestação de contas, além da conscientização sobre a importância de uma boa estrutura que possa garantir respostas mais ágeis. “A pandemia trouxe uma visão maior sobre as desigualdades e injustiças sociais, além de novos modelos de doação. Vamos ver como avançamos e onde chegaremos com isso”. Para ele, o desafio é fazer com que as conquistas se mantenham.

Mapstone situa como prioridade a relação entre os filantropos e o governo, que deve avançar de maneira positiva e construtiva. “O setor público está olhando para o setor filantrópico com novos olhos, como colaboradores. Será um diálogo muito importante entre esses atores, que poderá produzir bons resultados. Deveremos também pensar nos incentivos e como o governo poderá apoiar o setor filantrópico”. Ele acha bastante positivo o fortalecimento da estrutura filantrópica nos últimos meses e reforça que com mais investimento em infraestrutura, haverá mais inovação.

Para Matthew Bishop, autor do livro Philanthrocapitalism, os filantropos podem ter um papel importante, de protagonismo, para mudar as coisas para melhor. “Temos a mudança de paradigma em relação ao capitalismo, uma oportunidade incrível de parcerias e coalizões promissoras; precisamos encontrar uma maneira de controlar e vencer a revolução digital, unir o mundo através dela, e não separar mais”, avalia. Ele pontua que a tecnologia pode ser a força do bem, promovendo mudanças maravilhosas. “Precisamos ter a coragem de assumir nosso papel e aproveitar a oportunidade; encontrar exemplos que nos inspirem e aprender com os erros do passado”. Ele apresentou o movimento global do qual faz parte, o Catalyst 2030 e que já começa a ser gestado no Brasil. Destacou que colaboração será a palavra de ordem para o atingimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

A diretora-presidente do IDIS, Paula Fabiani, chamou atenção para a necessidade de dar atenção às mudanças climáticas, que não podem esperar. “Temos que agir em todos os setores; há tantas coisas novas surgindo, tantas incertezas”. Apesar das dificuldades, sente-se esperançosa e acredita que o futuro será promissor. “A raça humana já se mostrou bastante capaz de se adaptar e encontrar soluções para os desafios”.

**FÓRUM BRASILEIRO
DE FILANTROPOS
E INVESTIDORES
SOCIAIS**

2020

**NOVOS
HORIZONTES**

EDIÇÃO ONLINE

ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS OURO



PARCEIROS BRONZE

